

**Viso: Cadernos de estética aplicada**

Revista eletrônica de estética

ISSN 1981-4062

Nº 31, jul-dez/2022

<http://www.revistaviso.com.br/>

**Viso.**

**A influência do Romantismo  
nos primeiros escritos  
de estética de John Dewey**

Laura Elizia Haubert

Universidade Nacional de Córdoba (UNC)  
Cordoba, Argentina

## RESUMO

### A influência do Romantismo nos primeiros escritos de estética de John Dewey

Até o momento presente pouca atenção foi dada pelos intérpretes de John Dewey para a estética desenvolvida em seus primeiros escritos, e menos ainda se estudou as relações de influência que o pensador estadunidense recebeu da filosofia romântica — especialmente britânica — de final do século XIX. Assim sendo, a presente investigação busca abordar o tema recuperando e esclarecendo alguns desses vínculos a partir de pontos em comum que o filósofo compartilhou com esses outros pensadores.

#### Palavras-chave

pragmatismo; Dewey; estética; romantismo

## ABSTRACT

### The Influence of Romanticism on John Dewey's Early Writings on Aesthetics

Until the present moment, little attention has been paid by John Dewey's interpreters to the aesthetics developed in his early writings, and even less has been studied the relationships of influence that the American thinker received from Romantic philosophy – especially British – at the end of the 19th century. In this way, the present investigation seeks to approach the theme by recovering and clarifying some of these links from points in common that the philosopher shared with these other thinkers.

#### Keywords

pragmatism; Dewey; aesthetics; romanticism

HAUBERT, Laura Elizia. “A influência do Romantismo nos primeiros escritos de estética de John Dewey”. Viso: Cadernos de estética aplicada, v. 16, n° 31 (jul-dez/2022), p. 263-284.

DOI: [10.22409/1981-4062/v31i/483](https://doi.org/10.22409/1981-4062/v31i/483)

Aprovado: 26.10.2022. Publicado: 28.12.2022.

© 2022 Laura Elizia Haubert. Esse documento é distribuído nos termos da licença **Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional** (CC-BY-NC), que permite, exceto para fins comerciais, copiar e redistribuir o material em qualquer formato ou meio, bem como remixá-lo, transformá-lo ou criar a partir dele, desde que seja dado o devido crédito e indicada a licença sob a qual ele foi originalmente publicado.

Licença: [http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR)

Accepted: 26.10.2022. Published: 28.12.2022.

© 2022 Laura Elizia Haubert. This document is distributed under the terms of a **Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International** license (CC-BY-NC) which allows, except for commercial purposes, to copy and redistribute the material in any medium or format and to remix, transform, and build upon the material, provided the original work is properly cited and states its license.

License: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

'Beleza é verdade, verdade é beleza' – isto é tudo o que conheceis sobre a terra, e é tudo que precisais conhecer.  
*John Keats*

## **Introdução**

Entre o Romantismo<sup>1</sup> e a chamada Filosofia Clássica Americana existem notáveis relações. Em particular, podem-se detectar vínculos flagrantes entre a cultura europeia de princípios do século XIX e o pragmatismo, a primeira corrente filosófica nascida nos Estados Unidos durante a segunda metade de 1800. Esses vínculos se tornam latentes tanto em sua versão denominada clássica (que encontra seus maiores expoentes em Charles S. Peirce, William James e John Dewey)<sup>2</sup>, como na corrente do neopragmatismo, encabeçada por Richard Rorty desde a década de 1970. Uma reconstrução extensa dessa relação transcende, infelizmente, os limites deste trabalho. Por essa razão, propõe-se abordar a temática a partir da produção estética de John Dewey (1859-1952) e analisar peculiarmente alguns de seus textos de juventude que constituem seus primeiros textos de estética.

Para dar conta da tarefa proposta, dividiu-se em quatro seções a presente investigação. Na primeira, "Dewey: estética e Romantismo", expõem-se algumas considerações gerais sobre a relação entre a estética deweyana e o Romantismo. Por um lado, pretende-se assinalar o duplo enfoque que Dewey mantém com respeito à cultura do Romantismo em diferentes momentos de sua carreira. Por outro lado, procura-se analisar alguns elementos de sua filosofia da arte que supõem a influência da estética do Romantismo. Já na segunda seção, intitulada "Sentimento estético" e, na terceira, "Paul Baurget e o pessimismo romântico", recuperam-se algumas interpretações deweyanas do Romantismo em textos de final do século XIX. Por fim, a quarta e última seção, "Poesia e filosofia", ocupa-se de reconstruir a relação que Dewey estabelece entre a arte e a filosofia em um de seus ensaios juvenis pouco lido pelos intérpretes. Por fim, expõem-se algumas breves conclusões.

## Dewey: estética e Romantismo

John Dewey é conhecido como o primeiro pensador pragmatista a desenvolver uma filosofia da arte e, indo mais além, como o primeiro filósofo estadunidense que abordou sistematicamente o tema, de acordo com Guyer (2014) e Shusterman (2014). Neste sentido, alguns comentadores insistiram sobre este aspecto chave de seu pensamento: a estética de Dewey deve ser interpretada como a pedra de toque de toda sua filosofia da experiência, em geral, e como núcleo central de sua produção filosófica madura, em particular, como argumentaram Alexander (1987), Westbrook (1991) e Shusterman (1992). Ainda assim, um olhar superficial por sua imensa produção pode sugerir que a estética ocupou um espaço limitado em seu pensamento, que não pode ser comparado com o papel crucial de sua epistemologia, sua teoria da educação, e da sociologia, em sua atividade filosófica profissional e de intelectual público.

A respeito desse ponto, pode-se argumentar que, diferente de outras áreas de seu pensamento, a estética de Dewey se desenvolveu de maneira descontínua e pouco convencional. A maioria de seus intérpretes tradicionais se ocuparam de sua fase madura e sistemática que corresponde à década de 1930, ignorando quase por completo a produção estética de seus anos de juventude, que não obstante é necessária para entender o extenso caminho percorrido pelo pensador no desenvolvimento de sua filosofia da arte.

Visando a evitar incorrer nessa mesma linha de interpretação que ignora parte da produção de Dewey, optou-se por seguir a argumentação proposta por Campeotto e Viale (2018) de que a estética deweyana é composta de duas etapas distintas. A primeira, uma estética fragmentária, na qual o pensador esboça em artigos, resenhas e fragmentos de tratados suas opiniões acerca da arte e da estética, durante um período que vai de 1887 até 1925. Em seguida, uma segunda fase, sua estética sistemática, que aparece articulada em dois grandes textos, o nono capítulo do livro *Experience and Nature* (1925), e o célebre tratado *Arte como experiência* (1934). Essa segunda fase

sistemática está profundamente marcada pela amizade do pensador com o colecionador e crítico amador Albert C. Barnes.<sup>3</sup>

Agora, se por um lado esse trabalho se concentra principalmente na fase definida como “fragmentária”, diversos outros intérpretes detectaram influências do Romantismo também na segunda fase sistemática. A esse respeito, Haskins (1999) argumenta que Dewey manteve durante toda sua vida uma relação ambígua com esse movimento, em constante aproximação e distanciamento dele. Em outras palavras, sempre existiu na filosofia de Dewey um tipo de duplo enfoque do Romantismo. Por um lado, o filósofo recusou características substanciais do movimento que não combinavam com seu empirismo (particularmente, a ênfase romântica nas emoções, que desde sua perspectiva ofuscava a visão racional do mundo); por outro lado, em distintas fases de sua carreira se mostrou atraído pela faceta mais naturalista de alguns românticos do século XIX.

Efetivamente, em alguns textos do período médio de sua filosofia, Dewey se apresenta como um crítico duro do movimento romântico. Por exemplo, no ensaio de 1921 “Classicism as an Evangel” aponta que o Romantismo é gerador de caos: “começa [...] com a vida da emoção e do desejo opostas a estrutura e o sistema do mundo”, e constrói outro mundo ideal “[...] com o material da fantasia e do desejo. [...] Quem toma consciência do egoísmo insolente, da desenfreada imaturidade de tal atitude [...] e contempla o caos que ela causou” deve desejar voltar a contemplação mais ordenada do mundo (DEWEY, 2013, p. 289). Já no livro de 1922, *Natureza humana e conduta*, define o otimismo romântico como um simples “[...] reverso do pessimismo frente ao real [...]”. Neste sentido, o Romantismo conduziria a “[...] uma vida espiritual que não é mais que um ímpeto cego separado do pensamento”, que está “exposta a ter os atributos do demônio apesar de que ser enobrecido com o nome de Deus” (DEWEY, 2014, p. 87).

Curiosamente, a despeito dessas interpretações claramente negativas, Granger (2006) reconhece um legado importante do

Romantismo no pensamento de Dewey, que pode estar relacionado com seu apreço pela literatura britânica deste período. De fato, analisando o índice de seus *Complete Works*, podem-se encontrar ao menos sessenta referências a expoentes europeus do Romantismo literário, como Coleridge, Wordsworth, Blake, Keats e Shelley, sem esquecer da influência recebida do máximo expoente do Romantismo dos Estados Unidos, Ralph W. Emerson. Além disso, limitando a investigação somente ao seu livro de estética de 1934 pode-se reconhecer um enfoque peculiar na arte romântica, já que entre os artistas citados são recorrentes os nomes de Keats, que aparece doze vezes, Wordsworth é citado em oito ocasiões, Coleridge em seis, Walter Scott em três e Poe em dois. Já quando se trata da pintura romântica, Delacroix é citado quatro vezes, Constable pelo menos três, e Goya duas vezes.

O apreço de Dewey pela arte do Romantismo tem raízes profundas, que podem aludir a pelo menos três distintos momentos de seus anos de formação. Em primeiro lugar, durante sua adolescência ele se aproximou da literatura britânica influenciado por seu pai Archibald, que cultivava uma paixão genuína por Robert Burns, um dos precursores do Romantismo no Reino Unido como lembra Rockfeller (1991). Em segundo lugar, como indica Feuer (1958), durante seus anos de estudante de graduação na Universidade de Vermont Dewey foi um ávido leitor de Matthew Arnold e George Eliot, dois autores vitorianos que mantiveram fecundos vínculos com a tradição do Romantismo.<sup>4</sup> Por fim, em 1880, antes de começar seu doutorado na Universidade John Hopkins, em Baltimore, Dewey descobre a poesia de William Wordsworth. De acordo com a interpretação de Rockfeller (1991, p. 66), sua atração pelo poeta britânico “sem dúvidas se relaciona intimamente com [sua] experiência juvenil com a natureza”, que somada à sua “[...] ansiedade pela unidade [...] estimulou-o a ler [o poeta] de forma apaixonada [...]”.<sup>5</sup> Também é nesse momento que Dewey encontra Hegel, que o ajuda a superar os dualismos de sua educação rígida calvinista e kantiana em busca de uma unidade orgânica que reunia o ser humano e a natureza em harmonia.

Ainda de acordo com a interpretação de Granger (2003), estes traços românticos de sua filosofia juvenil se refletem em sua estética madura, particularmente, em suas concepções de expressão e de imaginação. Tratando sobre a obra de 1934, o comentador afirmou que:

Dewey [...] complica [...] as coisas usando os escritores do Romantismo inglês como William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge (ambos favoritos durante sua juventude) para explicar algumas de suas ideias centrais [...]. Usando os românticos dessa forma, inadvertidamente fomenta uma leitura idealista [...] de sua estética que continua a minar sua tese da arte como experiência. Talvez esse Dewey poético nunca tivesse existido para nós sem a influência inicial dos românticos (GRANGER, 2003, p. 46-47).

Alguns comentadores reconheceram a influência do Romantismo também no caráter antifundacionista e antirreducionista do naturalismo de Dewey, que, ao lado de sua estética naturalista, torna-se um dos pilares de seu sistema filosófico, bem como também uma “[...] pedra de toque do valor de seu pragmatismo”, como escreveu Arenas (2018, p. 287). Com efeito, em um dos últimos capítulos de *Arte como experiência*, Dewey escreveu a esse respeito que:

[...] É a experiência estética, portanto, que o filósofo precisa recorrer para compreender o que é a experiência. Por essa razão, embora a teoria da estética enunciada por um filósofo possa ser, acidentalmente, um teste sobre a capacidade de seu autor de ter a experiência que é objeto de sua análise, ela é também muito mais. É um teste da capacidade do sistema que ele propõe para apreender a natureza da experiência em si. Não há teste que revele de com tanta segurança a parcialidade de uma filosofia quanto sua abordagem da arte e da experiência estética (DEWEY, 2010, p. 472).

A preocupação central da filosofia de Dewey (tanto em sua etapa de inspiração hegeliana, como em seu pragmatismo/instrumentalismo) sempre foi a superação dos dualismos entre a teoria e a prática, imaginação e expressão,

mente e corpo, meios e fins. Contudo, é na década de 1930, quando aborda sistematicamente o tópico da arte, como mostra Westbrook (1991), que seu tratamento antidualista da experiência se torna mais refinado. Neste sentido, para Haskins (1999) é indubitável que existe um substrato romântico por detrás da estética de Dewey, sobretudo devido à sua assimilação juvenil de Wordsworth e Coleridge. A esse respeito, destaca-se o excerto abaixo.

O que a filosofia da arte de Dewey herdou dos românticos ingleses como Wordsworth e Coleridge, e o que eles por sua vez herdaram de alemães como Schelling, é a ideia de que durante uma época que viu a Razão mergulhar em dualismos e antinomias ao tentar conhecer o mundo como ele é em si mesmo, não é o cientista ou o filósofo a quem devemos nos voltar para uma visão coerente de nossa experiência, mas ao artista. Para essa época, a arte adquire seu valor na medida em que a ideia da mente como espelho da natureza passa a ser vista como um mito cujas virtudes práticas, na melhor das hipóteses, foram misturadas (HASKINS, 1999, p. 107).

Nesta seção, foram reconstruídos em linhas gerais três aspectos da filosofia de Dewey que estão intimamente ligados ao Romantismo. Em primeiro lugar, rastreou-se a origem de sua paixão pela arte romântica em seus anos de formação. Em segundo lugar, evidenciou-se a presença do duplo enfoque em seu pensamento em relação ao Romantismo. Finalmente, retomando as interpretações de Granger (2003) e Haskins (1999), destacaram-se aspectos cruciais da estética de Dewey que foram influenciados por autores românticos como Coleridge e Wordsworth: seu organicismo e sua concepção de experiência estética como paradigma de toda experiência. Nas seções seguintes, analisam-se alguns escritos da juventude de Dewey que reforçam os aspectos apresentados até o momento.

### **Sentimento estético**

A aproximação mais antiga de Dewey à estética está presente no texto “Aesthetics Feelings”, que é o décimo quinto capítulo de

seu livro de 1887 intitulado *Psychology*. O livro foi escrito durante seus primeiros anos como professor da Universidade de Michigan e foi utilizado até por volta de 1890 como manual didático por boa parcela dos alunos. Como bem destacou Alexander (1987), essa obra é um texto híbrido, no qual Dewey tenta conciliar seus maiores interesses nesta etapa de começo de carreira, a saber: a psicologia experimental de seu ex-professor G. S. Hall, por um lado, e a metafísica idealista de seu colega e mentor G. S. Morris, um dos principais expoentes do neo-hegelianismo estadunidense, por outro.

Particularmente, desse texto podem-se destacar três elementos paradigmáticos que dão conta de evidenciar como sua estética fragmentária estava imbuída da cultura do Romantismo. São eixos centrais: 1) sua definição de arte; 2) sua concepção do papel do artista; e 3) seu tratamento da poesia como arte suprema.

A respeito do primeiro eixo, sobre a definição de arte, Dewey (1967, p. 275) escreve que deve se entender arte como “[...] o esforço de satisfazer o lado estético da nossa natureza”, e o meio “[...] pelo qual a alma humana se encontra perfeitamente refletida”. Segundo a interpretação de Alexander (1987), esta concepção apresenta traços gerais herdados tanto do idealismo quanto do Romantismo, já que apresenta a arte como uma atividade de um eu metafísico em seu esforço de autorrealização.

Em relação ao segundo eixo, sobre o papel do artista, Dewey sustenta que sua peculiaridade é a de interpretar o sentimento estético de modo mais pleno por meio do impulso da criação. Para Haskins (1999), este marcado expressionismo inevitável do jovem Dewey aproxima sua concepção da estética de Schelling e dos românticos alemães. Sobre esse tópico, pode-se ler o fragmento abaixo retirado de seu livro *Psychology*.

No grande artista, o impulso expressivo, a exigência de uma interpretação adequada do sentimento, é muito mais forte do que no indivíduo comum, por isso ele é levado à criação; mas o impulso é forte o suficiente em

cada indivíduo para que ele reconheça algo como belo. Os grandes artistas são, afinal, apenas os intérpretes dos sentimentos comuns da humanidade; eles apenas colocam diante de nós, como em formas concretas de clareza auto-reveladora, os sentimentos tênues e vagos que surgem para se expressar em cada ser humano, sem encontrar uma saída adequada. É assim que sempre achamos natural uma grande obra de arte; em sua presença não nos sentimos estranhos, antes, nos sentimos mais profundos em nós mesmos, tendo revelado alguns daqueles mistérios de nossa própria natureza que sempre sentimos, mas não conseguíamos expressar. O julgamento estético, em suma, está implícito em todos os seres humanos. O artista o ajuda a sair para a luz. (DEWEY, 1967, p. 278).

Ainda no mesmo texto, Dewey expõe uma hierarquia das formas de arte que relembra a qualquer leitor familiarizado com a estética alemã a proposta desenvolvida por Hegel em seus cursos de estética, em que a poesia ocupa o lugar mais alto da hierarquia das artes. Devido à falta de traduções desse texto, parece valer a pena citar outro excerto de modo direto.

Na poesia [...] a arte pela primeira vez torna-se completamente ideal. A base sensual agora se degrada em um símbolo arbitrário que não tem valor por si só. O que tem é musical e só tem o seu significado como veículo de ideias. Aqui, pela primeira vez, o conteúdo da experiência se adequa à forma ideal empregada. Ou seja, aqui, pela primeira vez, está o sujeito vivo do próprio homem. Não trata de sua apresentação material, como a escultural, nem da representação sombria de sua forma, como a pintura, nem de suas emoções e aspirações como a música, mas de sua própria personalidade vital. [...] Na poesia, o homem trabalha com maior liberdade do que na música. (DEWEY, 1967, p. 277).

Pois bem, se a poesia pode ser definida como a arte mais ideal para o jovem Dewey assim como para Hegel, porque “[...] o conteúdo da experiência está adequado a forma [...] empregada [...]” (DEWEY, 1967, p. 277), Wordsworth pode ser considerado o artista mais paradigmático para o filósofo estadunidense em

sua fase juvenil, devido a sua capacidade de derrubar barreiras entre o espírito e a natureza, entre o ideal e a experiência contingente.

Encontramos alegria em qualquer cena da natureza apenas na medida em que nos encontramos nela, e podemos identificar o funcionamento do nosso espírito de acordo com a natureza. A arte que lida com a natureza é perfeita e duradoura apenas na medida em que revela as unidades fundamentais que existem entre o homem e a natureza. Na poesia de Wordsworth sobre a natureza, por exemplo, não estamos em uma terra estranha e desconhecida; encontramos Wordsworth penetrando naquelas revelações do espírito, dos significados na natureza, das quais tínhamos um sentimento grosseiro, e que essa poesia ajuda a articular (DEWEY, 1967, p. 175).

Em resumo, nesta primeira aproximação à sua estética fragmentária de juventude, pode-se reconhecer em Dewey uma interpretação positiva do Romantismo (que se torna patente em sua exaltação da poesia de Wordsworth). Contudo, tão somente dois anos depois da publicação de *Psychology*, Dewey realiza uma leitura completamente diferente, na qual emerge a faceta negativa de sua relação com o Romantismo. Tal faceta é apresentada na seção seguinte.

### **Paul Bourget e o pessimismo romântico**

Em 1889, Dewey publica a resenha pouco conhecida intitulada “The Lesson of Contemporary French Literature”, na qual comenta o livro *Essais de Psychologie Contemporaine (1883-1885)* do escritor e filósofo francês Paul Bourget.<sup>6</sup>

Curiosamente, apesar de seu caráter conservador e reacionário (por exemplo, seu conhecido antissemitismo), Bourget gozava de certa apreciação entre os expoentes mais progressistas da cultura estadunidense de finais de século. Com efeito, desenvolveu um vínculo de amizade e apreço recíprocos tanto com o escritor Henry James como com seu irmão e filósofo pragmatista William James, como conta Singer (1976). O próprio

Dewey, em carta de 1894 enviada a sua esposa Alice Chipman, elogia alguns de seus escritos com a seguinte afirmação “Me surpreende [...] como a mais notável das obras de arte” (HICKMAN, 2008, 1, p. 204).

Na resenha de 1889, Dewey coincide com Bourget no que diz respeito às três causas que geraram o pessimismo difundido na cultura de fim de século: o diletantismo, que tem em Goethe seu exemplo mais substancial; as ciências físicas, que alimentavam o naturalismo literário de Flaubert; e, por fim, o Romantismo, que ele define como “[...] o intento de encontrar a satisfação da vida no desfrute de emoções intensas, na constante renovação do sentimento, na produção de formas de sentimentos remotas e insólitas” (DEWEY, EW 3:40).

Ainda sobre esta última causa, o filósofo estadunidense expõe duas vertentes da cultura romântica que teriam contribuído para gerar o sentido de náusea que muitas das grandes mentes de seu tempo sentiam em relação a vida. Em primeiro lugar, Dewey assinala a incapacidade do intelectual romântico de alcançar a satisfação por outro meio que não fosse o excesso de emoções. Em segundo lugar, destaca a impossibilidade de aproveitar a abundância da vida no aqui e no agora, que era consequência da necessidade romântica de se refugiar no exotismo e no vitimismo. Escreve que Lord Byron, por exemplo, “[...] pode servir ao leitor inglês como exemplo tanto do Romantismo como do pessimismo, que é seu resultado inevitável.” (DEWEY, EW 3:42).

Para o jovem filósofo Dewey segundo Morse (2011), a única maneira de superar esse desencanto pela vida era por meio da fé, entendendo aqui a fé não como a religião, mas sim como uma capacidade inata do ser humano de apoderar-se da realidade por meio de uma perspectiva espiritual. A esse respeito destacaram-se as palavras do próprio pensador.

Deixando de lado a fé, você terá planícies de igual riqueza na vida humana, cada uma limitada por horizontes de ignorância, e com estradas que levam a todos os lugares e, portanto, a lugar nenhum. [...] A fé implica a determinação de que a personalidade não deve ser o *playground* das forças naturais, mas

deve ser uma força motriz que conta para algo no universo. Diante da fé, o pessimismo que resulta das conclusões das ciências naturais torna-se uma fé otimista de que os mesmos processos naturais são mecanismos tributários de um fim, um propósito, um ideal que não se manifesta aos olhos dos sentidos. (DEWEY, 1969, p. 43).

Em resumo, impulsionado pela leitura de Bourget, por sua vez filtrado por seu hegelianismo em “The Lesson of Contemporary French Literature”, Dewey define o Romantismo como “[...] um salto de fé[...]”, isto é, uma “[...] negação do poder do ser humano de apoderar-se da realidade espiritual” (DEWEY, 1969, p. 43).

### **Poesia e filosofia<sup>7</sup>**

Em 1890. Dewey escreve o ensaio “Poetry and Philosophy”, um pequeno texto que se destaca por dois motivos peculiares. Em primeiro lugar, porque se trata de uma de suas raras incursões ao terreno da crítica literária. Com efeito, voltaria a este âmbito somente nos últimos anos de sua vida, ao escrever a introdução ao livro *Selected Poems* (1953) do poeta estadunidense Claude McKay.<sup>8</sup> Em segundo lugar, seu enfoque foi elogiado por um crítico de renome como Lionel Trilling, que em 1939 encontrou nesse ensaio uma fonte de inspiração vital para terminar de compor sua monografia a respeito de Matthew Arnold, como evidencia a correspondência de Dewey (HICKMAN, 2008, 2, p. 6771).

O ensaio de Dewey começa citando uma meditação de Arnold sobre o papel da poesia e seu valor intrínseco na vida da humanidade. Para o autor britânico, a poesia havia se convertido no único meio para alcançar a verdade em um momento histórico (finais do século XIX) no qual as crenças e dogmas tradicionais haviam sido abalados ou simplesmente abandonados. Em suas próprias palavras *apud* Dewey (HICKMAN, 2008, 3, p. 110): “[...] temos que recorrer à poesia para interpretar nossa vida, para nos consolar, para nos sustentar [...] a maior parte do que agora diz respeito à religião e a filosofia será substituído pela poesia”.

Essa concepção de Arnold é fortemente criticada por Dewey, que considera essa perspectiva do mundo pessimista, melancólica e nostálgica como se pode ler no parágrafo destacado abaixo.

Devo dizer que a fonte do lamento que as linhas de Arnold exalam é sua consciência de um duplo isolamento do ser humano – seu isolamento da natureza e seu isolamento dos seus semelhantes. Parece dizer que o ser humano não acredita mais em sua união com a natureza amada que o cerca: desapareceu o sentido de um espírito comum que os une; o senso de um propósito comum de trabalho em ambos desapareceu. A natureza, ao deixar de ser divina, deixou de ser humana. Não há mais fé em uma ideia, uma realização, que une o homem com a natureza em laços preciosos; em vez disso, há a consciência do isolamento (DEWEY, 1969, p. 116).

Pois bem, ao invés de endossar uma separação clara entre poesia e filosofia (referindo-se ao substrato filosófico kantiano presente em Arnold), o jovem Dewey defende que as duas deveriam ser integradas. Por um lado, ele reconhece que a poesia por si mesma não é suficiente para alcançar a verdade como se lê no fragmento a seguir.

É fácil menosprezar a ciência, é fácil rir da filosofia. [...] Ambas estão suficientemente afastadas de nossos interesses espirituais e éticos imediatos. Diante da questão suprema sobre a correta ordenação da vida, parecem ridiculamente insuficientes. Mas, afinal, ciência significa apenas conhecimento, filosofia, apenas amor à sabedoria, apenas a tentativa de alcançar o significado desta experiência (DEWEY, 1969, p. 113).

De acordo com a interpretação de Campeotto (2021), para Dewey também a filosofia pode correr o risco de tornar-se absurda quando se retrai em si mesma e se afasta completamente da poesia. Em outras palavras, a filosofia fornece ao ser humano um método inteligente e uma série de ferramentas para a correta interpretação da poesia; esta, por sua vez, contribui para dar cor e substância aos esquemas rígidos e nus da filosofia.

Da mesma forma, observou Goodman (1991), defendendo a união entre poesia e filosofia, Dewey volta a propor um dos temas chaves da literatura e do pensamento do Romantismo, questão vital sobre a qual os europeus refletiram várias vezes, inclusive no século XIX. Por exemplo, Coleridge considerava-se um filósofo-poeta, Novalis argumentou que a separação entre poesia e filosofia é apenas aparente, enquanto Schlegel advogou por uma união firme entre filosofia e poesia, entre outros exemplos.

Ainda segundo a interpretação de Goodman (1991), neste particular ensaio juvenil de Dewey, ele usa elementos do Romantismo para rebelar-se contra o kantianismo e o empirismo britânico, buscando uma filosofia que fosse mais livre, espiritual e poética. Por essa razão, ao menos em “Poetry and Philosophy”, o Romantismo aparece também como uma faceta construtiva positiva, que depois reaparece em seu trabalho de maturidade *Arte como experiência*, ainda que de forma mais sutil.

### **Considerações finais**

Na presente investigação, procurou-se esclarecer alguns matizes das influências que o filósofo estadunidense John Dewey recebeu do Romantismo em sua juventude, especialmente do Romantismo literário britânico. A partir do que foi exposto, podem-se ressaltar três considerações finais sobre o assunto.

A primeira consideração é a de que .apesar das duras críticas que Dewey desenvolve contra o pessimismo que permeia a cultura do Romantismo, indubitavelmente, sua paixão juvenil por essa corrente artística, e especialmente por sua poesia, teve um impacto duradouro em sua vida intelectual, suficientemente profundo para influenciar ao longo de toda sua carreira, até em sua produção madura.

Em segundo lugar, em sua fase de maturidade filosófica, a persistência dos elementos românticos em seu pensamento se revelou fundamental para suavizar e servir de contraponto ao

seu naturalismo, seu darwinismo e sua predileção pelo método científico. Em certo sentido, parece que são justamente seus traços românticos que lhe permitem criar uma espécie de filosofia mais equilibrada.

Por fim, destaca-se ainda que, sem essa contribuição juvenil do Romantismo, dificilmente haveria em Dewey uma faceta mais expressionista em sua estética, faceta essa que pode ser admirada em seu trabalho de 1934, e que mantém alguns relevantes traços idealistas. Mas esse é assunto para outra investigação.

### Referências bibliográficas

ALEXANDER, Thomas M. *John Dewey's Theory of Art Experience & Nature: The Horizons of Feeling*. Albany: Suny, 1987.

ARENAS, Luis. "¿Es el arte la continuación de la ciencia por otros medios? Notas sobre la estética de Dewey". In: ARENAS, Luis. et al. (org.) *John Dewey: una estética de este mundo*. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, p. 285-310.

BARNOUW, Jeffrey. "Aesthetics for Schiller and Peirce: A Neglected Origin of Pragmatism". *Journal of the History of Ideas*, v. 49, n. 4 (1988), p. 604-632.

BOURGET, Paul. *Baudelaire y otros estudios críticos*. Tradução de S. Sanchez. Córdoba: El Copista, 2008.

BOYDSTON, Jo Ann. (org.) *The Poems of John Dewey*. Carbondale: SIU Press, 1977.

CAMPEOTTO, Fabio; VIALE, Claudio M. "Barne's Influence on John Dewey's Aesthetics: A Preliminary Approach". *Cognitio*, v. 19, n. 2 (2018), p. 227-241.

CAMPEOTTO, Fabio. *La Estética de John Dewey y la historia del arte. Teoría y praxis*. Tese (Doutorado em filosofia). Universidade de Córdoba, Córdoba, 2021.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. "Classicism as an Evangel". In: BOYDSTON, Jo Ann. (org.) *The Middle Works of John Dewey*, 13. Carbondale y Edwardsville: SIU Press, 1983, p. 286-288.

\_\_\_\_\_. *Naturaleza humana y conducta. Introducción a la psicología social*. Tradução de R. Castillo Dibildoz. México: Fondo de Cultura Económica, 2014.

\_\_\_\_\_. "Poetry and Philosophy". In: BOYDSTON, Jo Ann. (org.) *The Early Works of John Dewey*, 3. Carbondale y Edwardsville: SIU Press, 1969, p.110-124.

\_\_\_\_\_. *Psychology*. In: BOYDSTON, Jo Ann. (prg.) *The Early Works of John Dewey*, 2. Carbondale y Edwardsville: SIU Press, 1967.

\_\_\_\_\_. "The Lesson of Contemporary French Literature". In: BOYDSTON, Jo Ann. (org.) *The Early Works of John Dewey*, 3. Carbondale y Edwardsville: SIU Press, 1969, p. 36-42.

DRAMIN, Edward. "A New Unfolding of Life: Romanticism in Late Novels of George Eliot". *Victorian Literature and Culture*, v. 26, n. 2 (1998), p. 273-302.

FEUER, Lewis S. "John Dewey's Reading at College". *Journal of the History of Ideas*, v. 19, n. 3 (1958), p. 415-421.

GOODMAN, Russell B. *American Philosophy and the Romantic Tradition*. Cambridge: Cambridge University, 1991.

GRANGER, David. "Expression, Imagination, and Organic unity: John Dewey's Aesthetics and Romanticism". *The Journal of Aesthetic Education*, v. 37, n. 2 (2003), p. 46-60.

\_\_\_\_\_. *John Dewey, Robert Pirsig and the Art of Living. Revisioning Aesthetic Education*. New York: Plagrave Macmillam, 2006.

\_\_\_\_\_. "The Science of Art: Aesthetic Formalism in John Dewey and Albert Barnes, Part 1". *The Journal of Aesthetic Education*, v. 52, n. 1 (2018a), p. 55-83.

\_\_\_\_\_. "The Science of Art: Aesthetic Formalism in John Dewey and Albert Barnes, Part 2". *The Journal of Aesthetic Education*, v. 52, n. 2(2018b), p. 53-70.

GUYER, Paul. *A History of Modern Aesthetics*, v. 3. Cambridge: Cambridge University, 2014.

HALIWEL, Martin. *Romantic Science and the Experience of Self Transatlantic Crosscurrents from William James to Oliver Sacks*. New York: Routledge, 1999.

HASKINS, Casey. "Dewey's Romanticism". In: HASKINS, Casey; SEIPLE, D. I. (org.) *Dewey Reconfigured: Essays on Deweyan Pragmatism*. Albany: Suny Press, 1999, p. 97-113.

HEIN, George E. "John Dewey and Albert C. Barnes: A Deep and Mutually Rewarding Friendship". *Dewey Studies*, v. 1, n. 1 (2017), p. 41-73.

HICKMAN, Larry A. (org.) *The Correspondence of John Dewey*. Charlottesville: Intalex, 2008.

LENTRICCHIA, Frank. "The Romanticism of William James". *Salmagundi*, n. 24(1974), p. 81-198.

MARTIN, Jay. *The Education of John Dewey*. New York: Columbia University Press, 2002.

MORSE, Donald J. *Faith in Life: John Dewey's Early Philosophy*. New York: Fordham University, 2011.

O'NEILL, Michael. "The Burden of Ourselves, Arnold as a Post-Romantic Poet". *The Yearbook of English Studies*, v. 36, n. 2 (2006), p. 109-124.

ROBINS, Alexander. *Aesthetic Experience and Art Appreciation: A Pragmatic Account*. Tese (Doutorado). Emory College, Atlanta, 2015.

ROCKFELLER, Steven C. *John Dewey: Religious Faith and Democratic Humanism*. New York: Columbia University, 1991.

SHULENBERG, Ulf. *Romanticism and Pragmatism: Richard Rorty and the Idea of Poeticized Culture*. New York: Palgrave MacMillan, 2015.

SHUSTERMAN, Richard. *Pragmatist Aesthetics: Living Beauty, Rethinking Art*. Oxford: Blackwell, 1992.

\_\_\_\_\_. "The Invention of Pragmatist Aesthetics: Genealogical Reflections on a Notion and a Name". In: MALECKI, W. (org.) *Practicing Pragmatist Aesthetics: Critical Perspectives on the Arts*. New York and Amsterdam: Rodopi, 2014, p.13-32.

SINGER, Armand E. *Paul Bourget*. Boston: Twayne, 1976.

UENO, Masamichi. *Democratic Education and the Public Sphere: Towards John Dewey's Theory of Aesthetic Experience*. London and New York: Routledge, 2016.

WESTBROOK, Robert B. *John Dewey and American Democracy*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1991.

WILKES, Joanne. "Romanticism". In: HARRIS, J. (org.) *George Eliot in Context*. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 2013, p. 248-255.

---

Laura Elizia Haubert é doutoranda em filosofia na UNC.

\* É necessário agradecer a leitura e os comentários críticos realizados pelo Dr. Fabio Campeotto que melhoraram diversos aspectos desse trabalho em suas versões iniciais.

<sup>1</sup> Aclara-se que o Romantismo em grande medida ao qual se refere neste estudo é o Romantismo inglês, em específico, aquele formulado por via da escrita literária e poética. É particularmente esse ramo do Romantismo ao qual Dewey faz referência, como observou Haskins (1999).

<sup>2</sup> Com respeito à influência do Romantismo na filosofia estadunidense desde o século XIX recomenda-se consultar Goodman (1991) e Schulenberg (2015). Além disso, pode-se citar uma série de estudos que tratam de modo mais específico das influências do Romantismo nos principais filósofos do pragmatismo clássico. Sobre isso, recomenda-se em relação a Peirce ver Barnouw (1988); quanto a Jamer consultar Lentricchia (1974) e Halliwell (1999) e sobre Dewey a leitura de Haskins (1999) e Granger (2003 e 2006)

<sup>3</sup> A respeito da relação intelectual entre Dewey e o empresário e colecionador A. C. Barnes existe uma extensa bibliografia que se desenvolveu em distintas

épocas. Recomenda-se consultar os trabalhos desenvolvidos por Robins (2015), Ueno (2016), Hein (2017), Campeotto e Viale (2018) e Granger (2018a e 2018b). Em linhas gerais, Dewey conheceu Barnes no final da década de 1910, e colaborou ativamente com ele na criação da *Barnes Foundation* na Filadélfia (1922), instituição centrada no estudo da pintura, que abrigava a enorme coleção de arte moderna e impressionista de Barnes. Em 1934, Dewey dedica a Barnes seu maior tratado de estética intitulado *Arte como experiência*, reconhecendo publicamente sua dívida intelectual com o colecionista em diversos escritos. Essa relação ainda pode ser abordada a partir do segundo volume do *The Correspondence of John Dewey* (2008), que evidencia a influência sistemática de Barnes em Dewey por meio das trocas de cartas entre ambos entre a década de 1925 e 1935.

<sup>4</sup> Vale a pena notar que, assim como Dewey, estes dois autores mostraram um enfoque duplo em relação ao Romantismo. A esse respeito consultar Dramin (1998), O'Neill (2006) e Wilkes (2013).

<sup>5</sup> Com efeito, o interesse de Dewey pela poesia da natureza de Wordsworth também pode ser evidenciado pela presença do tema em suas cartas privadas, como no caso da carta enviada a Alice Chipman destacada a seguir, onde se lê: "Você se lembra de uma pequena conversa que tivemos uma vez [...] sobre poesia da natureza e Wordsworth em particular? Bem, eu teria que me dissociar parcialmente [...] do que dissemos sobre a autoconsciência excessiva de alguns deles. E é a paisagem de Vermont [...] que mais uma vez me faz mudar de ideia. Não sei que benefício desfrutava Wordsworth [...] mas tenho certeza de que alguns verões aqui teriam despertado e aumentado a sensação de beleza natural em sua alma [...] Seu poder crescente é notável — claro, lembrei que era lindo, e quando cheguei em casa me dei conta que era lindo, mas espero ser perdoado por ter percebido tão tarde" (HICKMAN, 2008, 1, p. 15).

<sup>6</sup> Embora não pareça existir uma tradução desse texto em português, foi possível localizar uma tradução dessa obra de Bourget (2008) em espanhol com o título *Baudelaire y otros estudios críticos*.

<sup>7</sup> Entre os biógrafos de Dewey, Martin (2002) é quem mais insiste na paixão de Dewey pela literatura e pela poesia. Martin argumenta que a tendência de Dewey de considerar a literatura como a arte suprema era comum à maioria dos estadunidenses nascidos em meados do século XIX, pois naquela época a música e as artes visuais ainda estavam em uma fase incipiente de desenvolvimento no país. Também seu ex-aluno John H. Randall Jr., em carta ao poeta Max Eastman, destaca que a educação estética de Dewey foi baseada principalmente na literatura grega e britânica antiga (HICKMAN, 2008, 4, p. 21318). Nesse contexto, durante a década de 1910 Dewey tentou a sorte como poeta amador, mais de cem poemas foram encontrados entre seus pertences pessoais após sua morte e só foram publicados na década de 1970.

<sup>8</sup> Como se pode notar por meio da leitura da correspondência privada de Dewey, o poeta Claude McKay o convidou para escrever o prefácio de sua antologia de poemas em 1947. Infelizmente, o livro só terminou de ser editado e publicado em 1953, poucos meses depois da morte de ambos os

autores. A respeito desse convite consultar Dewey (HICKMAN, 2008, 3, p. 13350).